

**“O PEQUENO PRÍNCIPE”, DE ANTOINE DE SAINT – EXÚPERY (1943): POSSÍVEIS CAMINHOS DE RESSIGNIFICAÇÃO E A CONTRIBUIÇÃO DA OBRA PARA A EDUCAÇÃO LITERÁRIA DE ALUNOS DO SEXTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II<sup>1</sup>**

Marcela Alves Penna da Silva<sup>2</sup>

Nelson Martinelli Filho<sup>3</sup>

**RESUMO:**

Este artigo objetiva elucidar a importância da literatura infantil ao propor que através dela é possibilitado ao aluno criar uma releitura da sua própria realidade. O texto tem também como propósito discutir e ressignificar a narrativa de “O Pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint-Exúpery, apresentando novas formas de interpretação do texto e mobilizando temas para serem discutidos em sala de aula tendo como plano de fundo a obra em questão e apoiando-se em autores como Antonio Cândido, Regina Zilberman, Italo Calvino e Peter Hunt.

Palavras-chave: Pequeno Príncipe. Literatura Infantil. Leitor Crítico. Educação literária. Sexto ano do Ensino Fundamental.

---

<sup>1</sup> Trabalho Final de Curso da Pós-Graduação *lato sensu* em Letras Português do Ifes Campus Vila Velha.

<sup>2</sup> Aluna do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). E-mail: marcelapennasilva@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutor em Letras, professor do Instituto Federal do Espírito Santo. E-mail: nelsonmfilho@gmail.com.

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE AUXÍLIO PARA UMA RELEITURADO MUNDO

O universo literário é múltiplo, com muitas nuances a serem exploradas, sobretudo, pelas crianças. Elas, que estão iniciando suas vidas como leitores, precisam encontrar durante esse trajeto mediadores para que essa experiência seja ainda mais proveitosa, e tanto os professores quanto a escola exercem um papel fundamental nesse processo.

No contexto escolar, é preciso se atentar para que a leitura de textos literários seja realizada para além de um mero pretexto para resolução de atividades e avaliações. Isso acaba contribuindo para leituras superficiais de obras importantes, que podem contribuir muito para o letramento literário desse aluno.

A literatura tem também como uma de suas infinitas possibilidades expandir a visão de mundo de seus leitores, e ajudá-los a se tornarem sujeitos conscientes de si e do mundo a sua volta. Além disso, ela exerce um papel social, tornando mais fácil para esse sujeito o acesso a informações essenciais que serão importantes para que ele tenha condições de agir de uma forma crítica e consciente na sociedade em que está inserido (BUENO; DIDYK, 2016, p. 3). Por isso, é imprescindível termos conhecimento de que “[...] a literatura tem muito mais a contribuir para o círculo educacional do que aquilo que lhe é extraído” (SILVA, 2016, p. 87).

Antonio Candido, em “O direito à literatura” (1995), é cirúrgico ao afirmar que a literatura é um direito humano, tão essencial quanto qualquer outro. Ela é imanente às nossas necessidades mais básicas, um meio de expressão humana. Trabalhar com leitura de textos literários em sala de aula é uma tarefa árdua, principalmente com crianças, mas é um universo que precisa ser apresentado a eles.

A intenção deste trabalho, nesse sentido, é propor modos de ler e interpretar a obra *O Pequeno Príncipe* (1943), de Antoine de Saint-Exupéry, tendo como ponto de partida a análise dos capítulos do livro junto à mediação entre o sujeito e a sociedade, com alunos que estejam ingressando no sexto ano do Ensino Fundamental II, ou seja, que estão se despedindo do Ensino

Fundamental I e desbravando um território ainda tão desconhecido (assim como o Pequeno Príncipe, quando decide se aventurar por outros planetas e pega carona com os pássaros ...).

É importante instigar nesses alunos, que acabaram de sair do quinto ano, e estão começando uma experiência completamente nova, o gosto pela leitura. Alguns elementos da literatura, como os personagens e a ambientação, são capazes de estimular a imaginação das crianças por meio da transfiguração da realidade, e podem despertar a curiosidade e a motivação para a leitura por parte de quem ainda não desenvolveu o gosto e a experiência necessária (SILVA, 2013).

Esta pesquisa pretende somar elementos que auxiliem o professor nessa jornada, propondo meios de incentivar a leitura literária em sala, tendo como plano de fundo a narrativa de *O Pequeno Príncipe*.

Por ser um clássico literário, é de grande importância que os alunos tenham acesso a essa obra, e por mais que o vocabulário expresso na narrativa, em alguns momentos, seja denso, é possível até mesmo utilizar isso de maneira favorável, instigando nos alunos a vontade de aprender novas palavras e significados, além da possibilidade de se trabalhar também com várias traduções do livro, sempre levando em consideração a que melhor se encaixe ao momento da leitura.

Considerando esses aspectos, podemos dizer que o objetivo dessa pesquisa é demonstrar que a obra em questão pode ser explorada em sala de aula, e que ela pode contribuir para a educação literária de alunos do sexto ano do ensino fundamental, auxiliando na formação do senso de criticidade dos alunos a partir das relações entre sujeito e sociedade. Os caminhos possíveis de interpretações podem ser meios de incentivo à leitura e, desse modo, a educação literária em sala de aula poderá ser ainda mais incentivada.

O livro de Exupéry é um dos mais lidos no mundo inteiro, já tendo ultrapassado a marca de 140 milhões de cópias vendidas e tradução para mais de 160 línguas. É uma obra de amplo acesso, e está presente na vida até mesmo daqueles que nunca o leram, mas que conhecem a sua história e reconhecem as suas ilustrações. Além disso, as frases da narrativa são muito citadas em redes sociais, reforçando a sua popularidade mesmo entre não leitores habituais.

## 2 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTOJUVENIL EM SALA DE AULA

Em todas as etapas do ensino fundamental, exige-se que uma proposta curricular seja seguida. Dentro desse currículo, fica disposto o que deve ser estudado no ensino de língua portuguesa, produção de texto e também em literatura. Alguns livros, inclusive, são até sugeridos para que o professor os trabalhe em sala de aula. É bem provável que os alunos do sexto ano já tenham ouvido falar sobre algum clássico literário, porém, nem todos o terão lido. Mas, por que estudar a literatura infantil/infantojuvenil?

Hunt (2010) tem uma resposta – óbvia – e sucinta para essa pergunta: porque, além de importante, estudá-la é divertido. Ele prossegue afirmando que essa literatura possui influência social e educacional, e que

os livros para criança são uma contribuição valiosa à história social, literária e bibliográfica; do ponto de vista contemporâneo, são vitais para a alfabetização e para a cultura, além de estarem no auge da vanguarda da relação palavra e imagem nas narrativas, em lugar da palavra simplesmente escrita [...] estão entre os textos mais interessantes e experimentais no uso de técnicas de multimídias, combinando palavra, imagem, forma e som (p. 43).

Regina Zilberman (1998), uma grande estudiosa da área, descreve que a literatura é capaz de sintetizar, através da ficção, realidades que o leitor vive diariamente e o livro é capaz de fornecer condições para que a criança e/ou o pré-adolescente assuma uma posição crítica de seu mundo interior e, posteriormente, da vida exterior. É nesse sentido que podemos dizer que a literatura infantojuvenil possui uma função formadora.

A leitura literária é de suma importância para o desenvolvimento desse pré-adolescente e oferecer livros que estimulem a sua curiosidade e imaginação é imprescindível, principalmente porque é exatamente nesse momento, em que eles estão cursando o sexto ano do ensino fundamental, que esses sujeitos começam a desenvolver sua autonomia e ampliar a sua visão de mundo e a literatura será um auxílio durante esse caminho.

Por muito tempo foi-se atribuído à literatura infantojuvenil um caráter meramente pedagógico, e por mais que hoje em dia isso seja aconteça menos, ela continua tendo a sua importância e

magnitude sendo colocada à prova, por isso, é importante que haja propostas que modifiquem cada vez mais essa visão (COSTA, 2016).

É importante compreender que um dos tantos papéis do professor em sala de aula é proporcionar que o aluno desenvolva o prazer pela leitura e que não o faça apenas como pré-requisito para aprovação. Estimular no aluno o prazer em ler é tão fundamental quanto ensiná-lo a ler e a escrever (SILVA, 2016). A literatura infantojuvenil é capaz de contribuir para que esse pré-adolescente, que está iniciando a sua trajetória no ensino fundamental II, amplie não só o seu universoliterário, mas a forma como ele compreende o mundo.

Não sobram dúvidas sobre a importância da literatura infantojuvenil, e do quanto é imprescindível que os discentes tenham acesso a ela, tanto dentro quanto fora da sala de aula.

### **3 “O PEQUENO PRÍNCIPE”, DE ANTOINE DE SAINT-EXÚPERY: UMA BREVE APRESENTAÇÃO DA OBRA**

O Pequeno Príncipe, escrito por Antoine de Saint-Exupéry em 1943, é um clássico literário (re)conhecido mundialmente, e até mesmo aqueles que ainda não o leram são capazes de reconhecer algumas imagens marcantes do livro, como o próprio príncipe, a rosa e a raposa. A obra oferece uma pluralidade de sentidos e inúmeras interpretações podem ser concebidas através dela (SILVA, 2016).

Em uma breve síntese, o livro retrata a viagem de um menino que mora em um planeta tão pequeno que só cabe, além dele, uma rosa, a qual ele acredita ser a única de sua espécie. Diante do relacionamento tão conturbado que os dois vivenciam, e através da inconformidade com a monotonia do seu planeta, o personagem principal parte em busca de novos conhecimentos, se afastando cada vez mais da ignorância e da alienação a qual estava sujeito.

E é depois de muito viajar que ele acaba pousando na terra, mais especificamente no deserto do Saara, onde se encontra com um aviador, que fora obrigado a fazer um pouso de emergência devido a uma pane em seu avião, e ambos compartilham ricas experiências, que são narradas ao longo de todo livro através da reprodução de diálogos que ocorrem de maneira interativa, apesar

da diferença de idade entre os protagonistas, fomentando a ideia de que o livro *O Pequeno Príncipe* propicia um espaço fecundo para questionamentos, a partir da vivência de um personagem que se mostra insatisfeito com a sua realidade e busca incansavelmente entender o que acontece ao seu redor, num refletir contínuo cercado por dúvidas e sempre almejando respostas (BUENO; DIDYK, 2016).

Esse clássico nos oferece um relato das fantasias e dos sonhos de uma criança, e é uma obra que pode – e deve – ser explorada com alunos que estejam ingressando no Ensino Fundamental II, e diante disso, ao longo deste artigo, temos como principal objetivo promover novos caminhos de interpretação da obra e demonstrar como ela pode ser ampliada, de diferentes maneiras em sala de aula, a fim de promover aos alunos uma leitura prazerosa e ao mesmo tempo contribuir para a expansão da sua educação literária e do seu senso de criticidade com aquilo que percebe, a partir da leitura, sobre si mesmo e sobre o mundo.

#### **4 PROPOSTAS DE INTERPRETAÇÃO**

No Ensino Fundamental II, mais precisamente no sexto ano, os alunos estão vivenciando um novo mundo: acabaram de sair do Ensino Fundamental I e toda a estrutura escolar que conheciam, até então, muda. Por mais que eles já tenham experienciado estar em sala de aula, o sexto ano traz uma nova roupagem a essa experiência.

É o início de um novo ciclo, e nesse momento, o estímulo à leitura e à formação de um senso crítico, com base no que eles estão lendo, é fundamental. Além do mais, alunos do sexto ano estão transitando entre a infância e a adolescência, momento ideal para mostrar a eles possibilidades de leituras que poderão acompanhá-los não somente durante essa época de transformação, mas por toda a vida, afinal, como ressalta Paulo Freire (1996), a leitura é um instrumento de emancipação social.

Como visto, trata-se de um livro que continua se perpetuando entre gerações, característica de um clássico literário. Italo Calvino (2007) propõe algumas definições sobre o que seria um clássico, dentre elas, a de que são “[...] livros dos quais, em geral, se ouve dizer: ‘estou relendo...’ e nunca ‘estou lendo...’”. Um outro ponto que Calvino defende é que quando relemos um clássico, na verdade, é como se estivéssemos o lendo pela primeira vez.

Cabe aqui, então, o seguinte questionamento: se a literatura infantil (ou infantojuvenil), até então desprestigiada, não fosse de grande significância, por qual motivo essa obra continuaria sendo lida por diversos públicos diferentes ao longo de tantos e tantos anos? Essa pergunta parece ser bem óbvia, pois ela se perpetua entre as gerações por se tratar de um clássico. Mas, parte disso, sem dúvida, se deve ao fato de a história ser aberta às diversas interpretações. Cada pessoa que lê o livro consegue retirar dele um significado diferente, ao mesmo tempo em que a grande amplitude de alcance da obra se deve à sua capacidade de gerar identificação entre os leitores. Além disso, existe todo um trabalho comercial em cima da figura do pequeno príncipe, o que faz com o que livro se torne cada vez mais conhecido. É possível se encontrar desde itens de decoração até artigos de papelaria com ilustrações da obra. Sem contar com o grande alcance de suas frases, que são muito utilizadas em redes sociais.

Embora a obra tenha recebido muitas leituras ora superficiais, ora restritas a fragmentos desconectados da narrativa, é possível propor interpretações que fogem dessa lógica e imprimir outras maneiras de lidar com o ensino dessa leitura em sala de aula.

Uma delas é a prática de ajudar o aluno a compreender o texto. Isso pode ser alcançado se nos desprendermos da visão mecanicista com que tanto estamos acostumados, das atividades de leitura/perguntas/exercícios. Existe a possibilidade de se trilhar um caminho oposto a esse, seguindo para um trabalho que foque em estratégias que possibilitam ao aluno ser um “aprendiz de leitor”, motivando esse discente a fazer uso de diferentes operações mentais no processamento da atividade literária.

É através desse processo que o aluno tem possibilidade de tomar consciência da sua leitura, de se perceber como leitor e também identificar o seu modo de ser leitor, já que é por meio de diversas leituras que um sujeito começa a criar sua identidade leitora, e isso começa na infância, através do incentivo à leitura (GIROTTI; SOUZA, 2010 *apud* GIROTTI; SOUZA e SILVA, 2012).

Sabe-se que o livro foi escrito entre os anos de 1942 e 1943. Nesse período, em meio a segunda guerra mundial, o nazismo se expandia com seus ideais de extrema direita e antissemitismo. Em grande parte, a ascensão do nazismo deve-se à liderança de Adolf Hitler e o antissemitismo nazista disseminado por ele resultou em um dos maiores genocídios da história: o Holocausto.

Desse modo, Exupéry, assim como tantos outros autores da época, temendo represálias do governo fascista de Hitler, se exila nos Estados Unidos e é exatamente no exílio que ele escreve sua narrativa.

O livro inteiro se baseia em uma série de diálogos entre o príncipe protagonista e o aviador. Pode-se dizer que o aviador é uma espécie de narrador-personagem, já que ele narra uma trama de que ele mesmo participou ativamente. Em alguns momentos, é possível enxergar o próprio Exupéry na figura do Aviador, como se ele estivesse descrevendo as experiências de seu exílio. E são exatamente as conversas entre esses dois personagens tão distintos o foco principal do livro.

Em um desses encontros, o Pequeno Príncipe relata que mora em um asteroide, bem longe do planeta Terra, e que, por lá, ele possui um ritual matutino de higiene em sua morada: arrancar todos os dias qualquer muda de baobá que ouse brotar. Baobá são árvores gigantes, e devido ao tamanho do asteroide b212, se crescessem, tomariam todo o espaço disponível. Ele confia ao seu novo amigo que se as sementes de baobá não forem arrancadas pela raiz, depois se torna muito difícil cortá-las, e elas podem acabar se expandindo por todo o asteroide e depois será impossível arrancá-las. Então, a melhor estratégia que ele encontra é nunca deixá-las nascer.

Pode-se propor aqui uma leitura alegórica sobre a maldade humana e as sementes que infestam o asteroide b212. Apesar de ser um longo e antigo debate filosófico, algumas linhas do pensamento entendem que há nos homens uma maldade inata.

Tendo como base a teoria Kantiana acerca da origem do mal, Becker defende que

para que a liberdade seja possível, é preciso haver uma propensão ou disposição natural para o mal, isto é, o mal deve existir como algo possível no exercício do arbítrio. Assim, o mal, enquanto possibilidade, está ligado à humanidade de modo inseparável, de tal modo que esta propensão para o mal pode ser considerada uma inclinação para o mal que, embora seja algo contraído livremente pode ser entendido como um mal radical inato (2016, p. 72).



Vivemos em um período no qual o egoísmo tem se tornado uma virtude, e a empatia uma característica ridicularizada. Mas há como, de fato, arrancar dos homens a maldade? E essa maldade é, de fato, tão má assim? Façamos aqui um parâmetro entre a classe alta e classe baixa da sociedade. Aqueles que mais detêm posses não são, de alguma forma, responsáveis pela miséria que os demais vivenciam? Não há maldade nisso?

A ideia de que seja possível arrancar o mal pela raiz não passa de uma visão ingênua sobre o mundo. É importante que essa realidade seja demonstrada, de que não existe uma bondade absoluta no mundo em que vivemos, e o autor encontrou uma maneira bem sutil de demonstrá-la. Não existem ninguém que seja, de todo, mal. Assim como não há um ser humano sequer que seja completamente bom. Essas duas características sempre estarão presentes em uma mesma pessoa. Trata-se da dicotomia do que é ser humano, como bem destaca Kant, frisar que o bem e o mal aparecem como dois diferentes princípios subsistem na natureza humana e são agentes influentes na formação do caráter do homem (Becker, 2016).

Além disso, quando o personagem descreve sobre a importância de arrancar o mal – nesse caso em específico, o baobá – pela raiz, se levarmos em consideração que o livro foi escrito no momento em que acontecia a expansão do nazismo pela Europa e o mundo inteiro sofria as consequências que esse período gerou, uma possível interpretação é a de que o nascimento dessas árvores, tão prejudiciais ao planeta do Príncipe, pode ser uma alusão ao nazismo, que ganhava ainda mais força nessa época.

Se as ideias terroristas de Hitler não tivessem encontrado na sociedade da época um solo fértil, ou seja, se lá no início esse extremismo tivesse sido “podado” ou “arrancado da raiz”, assim como o baobá da história de Exúpery, talvez o mundo não tivesse enfrentado esse período tão devastador, que deixa marcas até hoje. Podemos ler, dessa maneira, como um crítica a força que esse movimento tomou.

Também é possível perceber que o autor recorre frequentemente às questões do “bem” e do “mal” quando apresenta, ao longo de sua narrativa, personagens tão controversos, como a rosa, que em determinado momento é revelada até mesmo como hostil e aparenta exercer um poder sobre o Pequeno Príncipe. Mas segundo Foucault (2004, p. 93):

É preciso não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detém exclusivamente e aqueles que não o possuem. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles.

Prosseguindo com a análise, há outra figura primordial para o desenrolar da narrativa: o geógrafo. O protagonista se encontra com ele antes mesmo de aterrisar a terra e o personagem dividiu com o príncipe a informação de que catalogava tudo o que existia em seu planeta, menos as flores, pois elas são efêmeras, ou seja, em breve deixarão de existir. O autor deixa escapar, através desse trecho, o quanto a vida é finita. Hoje somos, amanhã deixamos de ser. E se pararmos para pensar que Exupéry estava exilado enquanto redigia essas palavras, conseguimos perceber o peso dessa afirmação.

Quando o Pequeno Príncipe decide então pousar em nosso planeta, um dos primeiros personagens que ele encontra é a raposa, e em um de seus diálogos com o narrador, ele descreve como foi esse encontro. Ela o ensina uma nova maneira de se relacionar, que até então ele desconhecia. “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas” (SAINT-EXÚPERY, 2015, p. 101, tradução Frei Betto), conclui a raposa, e esse se tornou até hoje um dos trechos mais famosos da obra.

Essa frase, mundialmente conhecida e tão utilizada, carrega consigo um senso de responsabilidade muito grande, já que aqui é atribuído à palavra “cativar” um sentido muito idealizado. Ser responsável pelo que cativa, no sentido de ser responsável por afetos que desperta. Responsabilidade por aquilo que o outro sente ou possivelmente vá sentir. “*Tu deviens responsable pour toujours de ce que tu as apprivoisé*” (SAINT-EXÚPERY, 1943, p. 83).

A frase, originalmente escrita em francês, traz consigo um outro modo de entendê-la. Com ela,

abre-se mão de toda culpa pelo que o outro sente, pois, na língua em que o livro foi publicado pela primeira vez, a palavra *apprivoiser*, em português traduzida para cativar, também carrega o significado de absorver, privar, tornar privado, reter, trazer para si. Domar. A palavra cativar, em francês *captiver*, não aparece na versão original do livro. Também é interessante pensar que a palavra cativar faz parte do mesmo campo semântico de cativo, cativoiro ...

Mário Quintana, escritor brasileiro, no ano de 2017, nos presenteou com uma tradução do livro de Exupéry, e em seus escritos, a palavra cativar foi substituída por domesticar. Sendo assim a frase ganhou novamente uma outra roupagem: “és responsável, para sempre, pelo que domesticaste” (SAINT- EXUPÉRY, 2017, p. 85, tradução de Mário Quintana).

Ferreira Gullar também traduziu a obra de Exupéry para o português, e apesar da sua tradução trazer um tom mais abasileirado para a história, ele utilizou o termo cativar ao traduzir essa frase em específico: “você é eternamente responsável por aquilo que cativou” (SAINT- EXUPÉRY, 2013, p. 72, tradução de Ferreira Gullar).

Partindo dessas novas concepções, é possível perceber outros meios de compreender o texto, que muda o sentido da frase dentro da narrativa. Todo sujeito é responsável por aquilo que absorve do outro, pelo que espera do outro. Através dessa concepção, abrimos espaço para a oportunidade de discutir em sala, na formação dos leitores, a responsabilidade com os próprios sentimentos e aquilo que cada um toma para si.

Ao longo de toda a história, vários outros personagens são apresentados ao leitor, e partindo de uma leitura psicanalítica, pode-se perceber que em cada um deles existe uma repetição, que Freud compreende como o funcionamento normal da pulsão de morte, ou seja, é a própria pulsão que rege essa repetição (PENA, 2007). Para Lacan (1998), repetição tem sempre algo que o sujeito não consegue assimilar, ou seja, não há como entender por qual motivo se repete. O mais curioso é que todos os personagens que apresentam essas características possuem uma coisa em comum: são descritos como adultos. Em um de seus escritos, Freud (1914, p. 4) vai dizer que “[...] não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atuação. Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo”.

Essa citação do psicanalista pode ser exemplificada através do personagem “bêbado”. Em um de seus diálogos com o Pequeno Príncipe, ele confessa: “eu bebo [...] para esquecer [...] esquecer a vergonha que sinto [...] esquecer que tenho vergonha de beber [...]” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 61, tradução de Frei Betto). O príncipe, sem entender muito o que acabou de ouvir, encerra a conversa se dando conta de que os adultos possuem comportamentos muito estranhos.

Um outro exemplo de antagonismo de sentimentos humanos que o autor relata em sua obra é a importância que a cobra tem para o encerrar da história. Ela apresenta uma solução para o problema em que o protagonista enfrentava, já que ele desejava retornar ao seu planeta e reencontrar a sua rosa, porém, “é muito distante, não posso levar esse corpo, pesa demais” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p.123, tradução de Frei Betto).

Desse modo, ele e a cobra se encontram e ela oferece uma solução rápida: picar o príncipe, para que a viagem dele seja mais leve. Essa solução é interpretada por muitos como um suicídio, um deixar de existir. Há pessoas que acreditam que ele apenas retornou para o seu planeta, em espírito, na busca de ensinar a rosa tudo o que ele aprendeu com a sua passagem pelo deserto. Todavia, a cobra oferece para o Pequeno Príncipe um pouco do seu veneno a fim de auxiliá-lo em seu retorno.

Quando o avião percebe que o príncipe está pronto para partir, eles se encontram pela última vez. O Pequeno Príncipe reflete que já faz um ano que ele aterrisou na terra, e que já está na hora de voltar para o seu asteroide, o lugar que ele conhece como casa. Ele diz que, em algum momento, o amigo se conformará com a sua partida (pois todo mundo sempre se conforma), e a tristeza dará lugar à alegria por terem se conhecido. O príncipe também faz a seguinte promessa ao avião: “Quando à noite olhar o céu, estarei em uma estrela sorrindo para você. Todas as estrelas estarão sorrindo para você. E você contemplará estrelas que sorriem!” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p.123, tradução de Frei Betto).

Ao escrever o livro, Exupéry o dedica a Léon Werth, um amigo que, ao contrário do autor, não teve exílio em outro país, e permaneceu na França durante a segunda guerra mundial, onde passou fome e frio, como a própria dedicatória relata. Léon era judeu, e sabe-se que os judeus sofreram imensamente durante esse período. Partindo do pressuposto de que muito de Exupéry

estava sendo representado pela figura do aviador, o Pequeno Príncipe poderia ser, talvez, a representação do seu melhor amigo no mundo (como ele mesmo descreve Werth), e por isso, o livro foi dedicado a ele.

Uma outra interpretação para o encontro da cobra com o pequeno príncipe diz respeito a um amadurecimento do Pequeno Príncipe. Quando o protagonista chega ao planeta Terra, ele carrega consigo uma inocência que aos poucos vai se perdendo a cada nova experiência que ele vive. Ele se depara com situações que nunca viveu, com pessoas com pensamentos completamente diferentes daqueles que ele possui. Sendo assim, ele vai amadurecendo a sua própria personalidade e também desenvolvendo o seu senso de criticidade. Desse modo, a picada da cobra pode simbolizar a ruptura entre a visão inocente que ele possuía sobre a vida e a sua nova visão, agora adaptada a sua nova realidade.

## **5 CONTRIBUIÇÃO DA OBRA PARA A EDUCAÇÃO LITERÁRIA EM SALA DE AULA: POSSÍVEIS TEMAS PARA A MOBILIZAÇÃO DE ATIVIDADES**

Após um breve apanhado sobre outros caminhos possíveis de interpretação, é importante se pensar de que maneira essa narrativa pode ser apresentada aos alunos do sexto ano do ensino fundamental, e além disso, refletir sobre o que o professor deseja despertar nos discentes através dessa obra. Para isso, trago alguns pontos que podem ser explorados dentro de sala de aula, por meio da intermediação do professor, tendo como plano de fundo a história do pequeno príncipe e as interpretações propostas nesse artigo.

### **5.1 RELAÇÕES DE PODER**

Por meio da vivência apresentada entre o Pequeno Príncipe e a Rosa, é possível propor uma reflexão, junto aos alunos, sobre as relações de poder e de que forma elas podem influenciar em nossas vidas. Sejam elas entre seus pais, família e até mesmo por parte do governo.

É um ponto importante a ser levantado para fomentar discussões sobre política, por exemplo. Como os alunos enxergam o poder ao qual estamos submetidos enquanto sociedade? Esse poder é unilateral ou nós, como povo, também somos detentores desse poder?

O professor pode propor aqui uma atividade lúdica, como um teatro, em que os alunos pudessem ser, por alguns minutos, uma figura de autoridade, como um presidente, e desse modo, demonstrarem como eles agiriam se ocupassem tal posição.

## **5.2 FINITUDE DA VIDA E A CERTEZA DA MORTE**

O geógrafo ensina ao príncipe o que significa a palavra “efêmera”. Até então, o personagem não sabia nada sobre como a vida é breve. No sexto ano do ensino fundamental, talvez as crianças ainda não tenham uma visão concreta do que vem a ser a morte. Muitas delas nunca precisaram vivenciar o luto, ou caso já tenham perdido alguém importante, talvez não possuíam a maturidade necessária para compreender a complexidade da perda.

É um assunto que pode ser abordado em sala de aula, junto a leitura do livro, e proporcionar aos alunos um momento catártico. O professor pode se aproveitar desse gancho para propor uma produção textual, sugerindo como ponto de partida questionamentos do tipo: o que você entende sobre a morte? Você consegue compreender que é a morte, por mais estranho que pareça ser, é um estágio natural que todos nós como seres humanos iremos passar?

Também seria proveitoso propor um projeto multidisciplinar, envolvendo, por exemplo, a disciplina de história, e juntos apresentarem aos alunos uma perspectiva abrangente e múltipla do assunto em questão. O professor de história pode trazer informações de como outras culturas compreendem o fenômeno da morte, e cada aluno pesquisar mais a fundo a maneira que mais achou interessante.

## **5.3 OS BAOBÁS QUE PRECISAM SER ARRANCADOS PELA RAIZ**

A partir da alegoria entre os baobás e a maldade humana, é possível trabalhar com os alunos o que eles consideram como atitudes ruins, tanto dentro como fora de sala de aula. O professor pode iniciar o debate perguntando sobre sentimentos, incentivando as crianças a falarem sobre os sentimentos que eles consideram que não fazem bem, ou que de alguma forma atrapalham em suas relações.

Ao mesmo tempo em que se fala sobre sentimentos “negativos”, também é possível conversar

com os alunos sobre as características positivas que cada um deles carrega.

#### **4.4 O BÊBADO, AS REPETIÇÕES E OS COMPORTAMENTOS DE FUGA INCONSCIENTES**

Ao propor atividades sobre esse personagem, o professor precisa estar atento ao que ele pode causar nas crianças, visto que cada aluno vivencia uma realidade diferente e a figura do bêbado pode servir como um gatilho emocional para aquelas que convivem com um alcoolista. Mas, apesar disso, o personagem possibilita que se trabalhe tanto a questão dos vícios quanto de comportamentos que a gente mantém, mesmo sabendo que não nos fazem bem, e como a gente foge, em determinados momentos, de resolvê-los.

Se o professor optar por trabalhar com a temática dos vícios, ele pode inserir pesquisas em artigos jornalísticos, pode fazer um link com a violência que o vício em drogas, por exemplo, acaba gerando na sociedade como um todo. Se ele opta por trazer a tona a reflexão sobre comportamentos que não são benéficos, ele consegue novamente extrair desse aluno questões externas, que vão de encontro a realidade que essa criança vive fora da escola (e que é importante o professor saber, ainda que minimamente, para conseguir compreender um pouco mais esse aluno).

#### **4.5 A RAPOSA E O SEU ENSINAMENTO**

Através dos diálogos entre a raposa e o príncipe, o professor conseguirá extrair diversos temas paralelos para levar a sala de aula e mediar uma roda de conversa com seus alunos. Nesse artigo, ficou evidente as possíveis interpretações para o termo “cativar”, e um dos caminhos de aproveitamento dessa temática em sala de aula é realmente ouvir dos alunos o que eles entendem quando ouvem essa palavra.

É possível também levar a frase traduzida por diversos autores e compartilhar com os alunos como o significado da frase muda com cada um deles e perceber qual delas melhor se adequa a interpretação que essa criança fez da leitura.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já fora citado, *O Pequeno Príncipe* é um livro que pode ser interpretado de diferentes formas, sendo essas apresentadas até aqui apenas algumas delas. A narrativa permeia a imaginação de muitos daqueles que nem sequer a leram na íntegra, já que os escritos de Exupéry se tornaram ainda mais conhecidos mundialmente devido as suas ilustrações e suas frases marcantes.

Por meio da análise literária da obra descrita, este artigo, de cunho bibliográfico, teve como objetivo mover uma organização de possíveis interpretações, que auxiliariam o professor na inserção da obra dentro do contexto escolar. Pode-se dizer, então, que esse trabalho traz consigo uma proposta para aqueles que queiram realizar uma intervenção em sala de aula tendo como referência a história do Pequeno Príncipe.

Sabe-se que explorar múltiplas interpretações é importante para o leitor em desenvolvimento, e considerando que o foco do artigo são alunos que estão iniciando a sua vida escolar no sexto ano do ensino fundamental II, é importante refletir como os dados intra e extratextuais, que influenciam na produção de sentidos, serão adquiridos através de toda a experiência vivenciada por esse leitor, que por intermédio do professor, poderá ser apresentado a obra de Saint-Exupéry e explorar como essa obra poderá ajudá-lo na sua formação como leitor crítico.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANA, Alba Regina de Azevedo; KLEBIS, Augusta Boa Sorte Oliveira. **A importância do incentivo à leitura para o processo de formação do aluno**. V Seminário internacional sobre profissionalização docente. SIPD, Catedral UNESCO, 2015.

BUENO, Maria Ivanete Rodrigues; DIDYK, Edcleia Aparecida Basso. Do Pequeno Príncipe à humanização do sujeito-educando. In: **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor pde**. Vol. 1, 2016.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

CANDIDO, Antonio. **O direito à Literatura**. In\_. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSTA, Francisco das Chagas Souza. **A literatura infantojuvenil e a construção do leitor: algumas considerações**. In: Linguagens & Letramentos, Vol. 1, n. 2, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT. **Microfísica do poder**. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

FREUD. **Recordar, Repetir, Elaborar**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 12, 1914.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LACAN, J. (1988). O seminário, livro 11. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

PENA, Breno Ferreira. **As vicissitudes da repetição**. Reverso, Belo Horizonte , v. 29, n. 54, p.83-87, set. 2007. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0102-73952007000100012&lng=pt&nrm=iso>>. acessos em 08 jun. 2022.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **Le Petit Prince**. 1943. França: Éditions Gallimard, 1943.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe** [tradução de Ferreira Gullar]. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe** [tradução de Frei Beto]. São Paulo: Geração Editorial, 2015.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe** [tradução de Mario Quintana]. São Paulo: Melhoramentos, 2017.

SILVA, Andreza Alves Mothé da Silva. **O letramento literário através da leitura de “O Pequeno Príncipe”**. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2015.

SILVA, Juan Barreto. O uso do texto literário em sala de aula através da contação de histórias: trabalhando “O Pequeno Príncipe”. In: **On Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, Vol. 10, n. 31, 2016.

SILVA, Maria Cabral da. A leitura literária como experiência. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia; FALEIROS, Rita Jover (org.). **Leitura de Literatura na Escola**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

SOUZA, Renata Junqueira; GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SILVA, Joice Ribeiro Machado. **Educação Literária e formação de leitores: da leitura em si para leitura para si**. Ensino Em Re-Vista, v. 19, 2012

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na escola**. 10ª edição - São Paulo: Global, 1998.

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

MARCELA ALVES PENNA DA SILVA

**O PEQUENO PRÍNCIPE, DE ANTOINE DE SAINT – EXÚPERY (1943): POSSÍVEIS CAMINHOS DE RESSIGNIFICAÇÃO E A CONTRIBUIÇÃO DA OBRA PARA A EDUCAÇÃO LITERÁRIA DE ALUNOS DO SEXTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de ARTIGO, apresentado à Coordenadoria do Curso Superior de Licenciatura em Letras-Português, na modalidade EAD – do Instituto Federal do ES – IFES - Campus Vitória – ES, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras-Português.

Aprovado em 27 de junho 2022

**COMISSÃO EXAMINADORA**

**Nelson Martinelli Filho**  
(Orientador)



**Camila David Dalvi**  
Instituto Federal do Espírito Santo



**Marihá Barbosa e Castro**  
Instituto Federal do Espírito Santo